

A DISPUTA NA FAZENDA DA LAGOA

Dois piás chegaram na fazenda vindo de outras paradas, por estes campos do Rio Grande de São Pedro, os paisanos andantes de canto a outro do Rincão, se cruzaram nas quatro bocas e um dia se aproximaram pela Fazenda da Lagoa. Fazenda da Lagoa porque numa das bandas dela tinha uma lagoa que os tropeiros falavam que nunca secava, que sempre tinha água em qualquer época do ano, um bom ponto de parada e asseio, embora fosse um lugar meio abandonado, tinha trocado muito de dono e não cuidavam direito da propriedade. Pra ter uma ideia, os güeras falavam que até o chinaredo tinha picado a mula porque tava tudo muito miserento por ali.

Os piás e as famílias se chegaram sem muitos cobres na algibeira, minguados tostões e umas notas enroladas que nem dinheiro de bêbado, mas eram gurizotes, faceiros e com a vida a descobrir por estes pagos. Tinham acompanhado a família, gente de trabalho que vinha buscar novo futuro, mais uns patacos para as despesas do rancho e das famílias que só cresciam.

Meio gurizotes na Fazenda, os dois não se conheciam, cada um tinha sua parada em um costado, foram se fazendo devagarote.

Um bem seco e comprido que nem arvore jerivá, com espírito dos patrícios, parecia que era caixeiro viajante de tanto que negociava, trocava bolita nova por três usada, tinha até umas bolita ágata chibeadas da fronteira que uma vez trocou por um bolão e quatro bolita nova, ligeiro o piá. Rapidinho ele arrumou o rancho, deu um jeito para ajudar a família em casa, montou um bolicho pequeno no pátio onde a gurizada se reunia para se divertir. Um balanço de corda e pneu debaixo do pá de plátano, a cancha de bolita na sombra da arvore perto da mangueira e do lado da Lagoa, a corda para embalar e se jogar na água com a gurizada toda.

O outro era mais calado, chegado mais ao estudo, gostava muito de ir na casa dos parceiros para ver o que estavam fazendo, bom de ideia, sempre dava uns palpites bem interessantes mas na hora de botar a mão na massa o bicho era mais ligeiro que xiru com caganeira. Mas era gente boa, a gurizada ao redor também gostava dele, era de boa conversa e ajudava bastante. Tinha projetado um carrinho de lomba, com umas tabuas velhas da casa onde tinha se arranchado, umas rodas de madeira feitas por ali mesmo. Projetava bem o guri, o carrinho andava, só tinha que ser empurrado por outro porque era bem pesado.

E os guris foram crescendo, se divertindo na barranca da Lagoa, pescando as traíras e lambaris, se jogando na água, andando a cavalo, aprendendo a domar os bichos, a tratar o gado, levar para cima e para baixo, aprenderam a conduzir a criação como queriam, ficaram bom mesmo no negocio. Manipulavam o trato do gado como ninguém, um com estilo mais serio, mais direto, sem muita puxação de saco com os parceiros de lida e o outro mais malandro, com jeitinho, escondendo o jogo mas os dois trabalhando bonitaço na lida do dia a dia.

A Fazenda da Lagoa neste período também foi crescendo, devagarote porque de afogadilho encrencava todo mundo e muita gente queria se também dona do troço. Como dizia a preta velha, “moço, aldeia que tem muito cacique não funciona direito, tem que ter um pra sabê manda e os outros pra fazê as coisa”.

E os pia, agora já homem feito, resolveram se meter na empreitada, primeiro foi o compridão. Ainda seco, alto, negociando suas cositas com a gurizada que cresceu junto, criou fama de bom negociante, a venda do taura sempre crescendo, juntando mais gente. O comprido se meteu na lida e o Patrão Seu Pedro resolveu deixar ele ser capataz da Fazenda da Lagoa por um período. Gostou do serviço do taura, deu uma limpada bonita em todos os costados, a peonada que não tinha muita vontade na lida começou a pegar os cobres em dia e a trabalhar mais tranquilos, dava para chegar em casa e ter comida para a patroa e para as crianças. Com a guaiaca cheia a peonada começou a comprar mais, os bolicheiros ao redor ficaram mais faceiros, o seleiro contratou mais gente para ajudar a fabricar sela e arreio que não dava mais conta sozinho.

Depois colocaram o outro pia, o que planejava bastante. Ele tinha ficado um tempo aprendendo com o comprido e agora era a vez dele de colocar em pratica. Esperto, continuo fazendo o que o outro já fazia, seguindo os passos do que tinha aprendido e gafando o comprido, dando umas investidas nas invernadas, ajeitando o potreiro, terminando os banheiros do gado, ajeitando o caserio da peonada, tocando a fazenda.

Passou um tempo, a Fazenda da Lagoa tava bonita, um brinco de princesa que apareceu de novo no campo alto do morro e o Seu Pedro resolveu que tava na hora de mexer de novo no Capataz mas, e dai tchê, qual dos guri nomear agora? O que domou o potro bravo, e aprumou o rumo do trote ou o que continuou? Uma duvida que Seu Pedro estava a decidir mas isso, pensou ele com calma e serenidade de um índio velho, cortado de alça de gaita e com experiência do caminho que nem cavalo de leiteiro, vou deixar para mais depois. O pessoal da vila sabe como as coisas funcionam e quero ver se a Fazenda da Lagoa vai ter o melhor Capataz por mais um tempo.

